

TRIBUTO A FRED HALLIDAY

Tribute to Fred Halliday

Paulo Fagundes Visentini¹



Fred Halliday, acadêmico britânico falecido em abril de 2010, foi um dos grandes nomes dos estudos internacionais ao longo das últimas quatro décadas, especialmente como docente da London School of Economics (LSE) de 1985 a 2008. Fez parte de um seletivo grupo de estudiosos que adotaram uma

perspectiva teórica crítica no estudo das Relações Internacionais e mantiveram uma postura engajada politicamente. Halliday nasceu em Dublin, Irlanda, em 1946, estudou em Oxford e graduou-se em Estudos Orientais pela School of Oriental and African Studies (SOAS) da Universidade de Londres.

Fluente em árabe, persa, aramaico (língua etíope), além das grandes línguas européias, ele teve suas obras traduzidas em diversos idiomas, do japonês ao português (pela editora da UFRGS), passando pelo árabe. Seu pensamento foi influenciado por intelectuais marxistas como o orientalista e historiador francês Maxime Rodinson, pelo grande pensador Isaac Deutscher, pelo professor Bill Warren da SOAS e por Perry Anderson, quando Halliday integrava a direção da *New Left Review*.

¹ Paulo G. Fagundes Visentini. Professor Titular de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pós-Doutorado pela London School of Economics. (paulovi@ufrgs.br)

Ainda muito jovem ele organizou uma coletânea de escritos inéditos de Issac Deutscher intitulada *Russia, China and West: 1953-1966* (1970) e redigiu o clássico *Arabia without Sultans* (1974). Além disso, em 1970 traduziu do alemão e redigiu uma introdução a *Marxism and Philosophy* de Karl Korsch, livro que o influenciou profundamente.



Seus estudos foram focados no Oriente Médio e nas análises da Guerra Fria, do imperialismo e do sistema mundial. Em relação primeiro tema, publicou *Iran: dictatorship and development* (1979), *The Ethiopian Revolution* (1981, em parceria com sua esposa Maxine Molineux), *Revolution and Foreign Policy: the case of South Yemen* (1990), *Arabs in exile: the yemeni community in Britain* (1992), *Islam and the myth of confrontation* (1994), *100 myths about the Middle East* (2005), *Nation and religion in the Middle East* (2000) e *The Middle East in International Relations* (2005). Além disso, publicou um longo estudo na *New Left Review* intitulado *Revolution in Afghanistan* (1979), que foi seguido por vários outros artigos sobre o longo conflito.

As análises sobre a Guerra Fria sempre foram centradas em seu impacto sobre o Terceiro Mundo, como *Soviet policy in the Arc of Crisis* (1981) e os livros gêmeos *The making of the Second Cold War* (1983) e *Cold War, Third World* (1989), que são livros que contrariam o senso comum. O fim da Guerra Fria foi visto por Halliday com certo ceticismo, tendo precocemente detectado as tendências desestabilizadoras que



acompanhavam a nascente “globalização” neoliberal e as tendências conflitivas que acompanhavam a nova posição dos EUA como única superpotência.

Mais do que se envolver no debate empírico, ele lançou uma

discussão teórica sobre a nova realidade internacional. O fruto disso foram as obras *From Potsdam to Perestroika: conversations with Cold Warriors* (1990), *The world at 2000* (2001) e *Rethinking International Relations* (1996), obra que publicamos em português na Coleção “Relações Internacionais e Integração”, editada pelo NERINT/UFRGS.

A partir de meados dos anos 1990 Halliday adotou uma postura política mais moderada, mas continuou a utilizar as categorias marxistas, a considerar o imperialismo como um elemento político-analítico central e a explorar, do ponto de vista analítico, as possibilidades disruptivas do sistema internacional. Suas reflexões sobre o fundamentalismo permitiram-lhe analisar apropriadamente o 11 de setembro em *Two hours that shook the world. September 11, 2001: causes & consequences, Shocked and Awed: How the war on terror and jihad have changed the english language* (2010) e *Revolution and world politics* (1999), obra que aborda o que chamou de “Sexta Potencia”, a Revolução.

Tive a grata oportunidade de realizar meu Pós-Doutorado na LSE sob orientação de Fred Halliday em 1997. Foi uma grande experiência pessoal e acadêmica. Fred era uma pessoa extremamente simples e acessível (ainda que sempre ocupado ou viajando) e uma relação de amizade e camaradagem nasceu de nosso contato. Mas o que mais me marcou foi a postura de Halliday quanto à elitista, conservadora e academicamente fechada área das Relações Internacionais. Era um crítico mordaz do “realismo” e da visão anglo-americana tradicional, um inovador que incluía múltiplos processos em suas análises, um marxista crítico (inclusive do próprio marxismo) e um profundo conhecedor do Terceiro Mundo. Mais, um grande amigo do Terceiro Mundo. Que sua obra acadêmica e seu legado político continuem a inspirar os estudiosos das RI, tornando este campo um espaço fascinante.